



EM TEMPOS DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL, ONDE ESTÁ A ARTE?

Thayse Smek Uberna
Carmen Ivanete D'agostini Spanhol
Daniel Palmeira Albrecht

*Linha temática – Inteligência e tecnologia humana:
quais são e como desenvolver os dotes verdadeiramente humanos?*

Resumo: Este estudo versa sobre aspectos da inteligência artificial, e características inerentes à inteligência humana, tendo como objetivo discutir características da Inteligência Artificial e da Inteligência humana, bem como, apresentar o lugar da arte neste cenário, a fim de responder o seguinte questionamento: se o ser humano delega suas tarefas para a IA, em qual lugar está o espaço para fazer arte? Para tanto, (Teixeira, 2019); (Salles, Evers, Farisco, 2020); (Meneghetti, 2011, 2012 e 2022) pautam o ensaio teórico que, em suas considerações finais, elucida que a máquina faz o trabalho automatizado e cabe ao ser humano ser a si mesmo, fazer poesia e arte a fim de viver o belo na existência.

Palavras-chave: Antropomorfismo; Criatividade; Ser humano; Ontopsicologia.

1. INTRODUÇÃO E FUNDAMENTAÇÃO

Tal estudo é um ensaio teórico que tem como objetivo discutir características da Inteligência Artificial e da Inteligência humana, bem como, apresentar o lugar da arte neste cenário, a fim de responder o seguinte questionamento: se o ser humano delega as suas tarefas para a IA, onde está o espaço para fazer arte?

1.1 ASPECTOS INERENTES A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E A INTELIGÊNCIA HUMANA

Nos últimos dois anos a utilização da Inteligência Artificial generativa cresceu fortemente, mas desde 1990 já se faz uso da IA (Teixeira, 2019), com a capacidade de gerar dados gerais a partir de diferentes fontes de dados, a IA é utilizada para a produção de textos simples e, de textos mais complexos, como os textos acadêmicos, e ainda cria imagens seguindo comandos. E, de certo modo, esta atitude requer atenção, tendo em vista que, se a máquina substitui o ser humano nas suas tarefas automáticas e, agora, nas tarefas criativas, pode-se questionar: quais tarefas ficam inerentes à inteligência do ser humano?

Os escritores e editores de longa data, reconhecem de relance um texto produzido pela IA, pois, a máquina também tem um modo de fazer que é exclusivo, tendenciosamente padronizado, diferente do modo como o ser humano pensa e escreve. Logo, as imagens produzidas pela IA também possuem a conformidade do modo máquina. E, portanto, verifica-se que a IA e a inteligência humana agem de modos distintos.

A máquina é antropomórfica, ou seja, apresenta características humanas em algo inanimado, responde a estímulos preestabelecidos pelos seus criadores, em outros casos, a máquina aprende a seguir o modo de pensar daquele ser humano que lhe delega tarefas, os sistemas de IA possuem a mesma interatividade que se espera dos animais e se antropomorfizou os sistemas de IA para corresponder às necessidades humanas de interação (Salles, Evers, Farisco, 2020).

Os seres humanos possuem um medo inato de terem o seu intelecto transferido para as

máquinas. Em um patamar conceitual, antropomorfizar máquinas faz com que os humanos criem uma fronteira reconhecível quanto ao que elas podem fazer. Uma das consequências éticas que decorre da antropomorfização de aparelhos é o medo de que os humanos se tornem ultrapassados, ou seja, de que a máquina possa substituí-los. O trabalho com a IA e o antropomorfismo podem talvez trazer limitações com potenciais paradigmas que possam elevar a capacidade da IA a outros níveis além da inteligência humana (Salles, Evers, Farisco, 2020).

A partir desta concepção e diferenciação, existe um ponto de chegada possível, o qual é: não se pode esperar que a máquina produza poesia. Afinal, a inteligência artificial tem outro escopo, como resolver questões que demandam muito tempo sendo produzidas pelo ser humano, tarefas que a máquina pode realizar e que são facilitadoras do trabalho humano, pois trata-se de uma ferramenta, e precisa ser utilizado de modo correto. E, fazer poesia é uma tarefa inerentemente da inteligência humana, é uma qualidade que o torna distinto.

Se pensarmos que, enquanto o ser humano poderia estar desenvolvendo outras tarefas, realiza tarefas automatizadas que não requerem criatividade, já está em atraso com o seu desenvolvimento profissional, com a sua inteligência, pois criar ou criatividade, é “construir uma solução positiva não prevista pelas premissas vistas segundo a lógica corrente” (Meneghetti, 2012, p. 68), deixa de desenvolver a própria inteligência, afinal, o ato de criar é uma tarefa exclusiva do ser humano.

É exatamente o ato de ser inventivo, de fazer coisas novas, que distingue o ser humano dos animais, e das máquinas, afinal, fazer arte é tocar a própria sensibilidade, é deixar fluir a intuição, é como a máxima delfica aponta, procure “conhecer a si mesmo”. A arte não deveria estar no lugar que tem ocupado atualmente, ser um fim, um passatempo, não pode ser tratada como o termo francês “*laissez faire*” prevê e significa o deixar fazer, fazer de modo livre e espontâneo, pintar por pintar não é fazer arte e, então, pode-se questionar, o que é a verdadeira arte? Onde a encontramos?

1.2. ONDE ESTÁ A ARTE?

Provoca-se que a arte e a estética podem ser o caminho para o ser humano desenvolver a si mesmo, seja na sua potencialidade, na sua melhor versão, seja na sua intrínseca inteligência, já que a máquina ocupou as tarefas que deixam o ser humano doente, afinal desenvolver por anos a fio a mesma função, não se prevê outro resultado.

Para fazer a verdadeira arte, existem algumas premissas: primeiro precisa-se estar em sanidade, esta é a “capacidade, atitude, possibilidade concreta de dar uma estrutura mais eficiente à própria realização” (Meneghetti, 2011, p. 286), ou seja, o sujeito doente, memético não é capaz de produzir arte vital.

Logo, aqui necessita-se do verdadeiro homem, aquele sadio, “em sua natureza positiva existencial” (Meneghetti, 2022, p. 517), e, ainda existem dois pontos para distinguir: o ciclo biológico e o ciclo psíquico - no primeiro, o homem em seu desenvolvimento biológico, que já é um ponto de chegada, o homem biológico e, sem doenças, que está preocupado em garantir a sua sobrevivência de modo confortável, bem como sustentar a sua prole.

O homem que é capaz de fazer arte, está num plano de desenvolvimento psíquico superior, que implica um modo sadio de ação, tensionado a um contínuo processo de realizar a si mesmo, isto é, busca uma existência distinta. Quando se questiona: onde está a arte? Sabe-se que esta ciência da criatividade humana, “um grande movimento do espírito do homem” (Meneghetti, 2022, p. 524), foi ao longo do tempo modificada de acordo com a cultura, com a religião e com a política de cada período, e ainda representa a identidade de cada povo, mas esta é a arte comum, existe uma arte distinta: a OntoArte, que é “o signo que presencia o ser” (Meneghetti, 2022, p. 524), ou seja, a diferença entre a arte da cultura é que esta expressa um modo de signo, e a OntoArte se funda a partir do Em Si ôntico¹.

A arte é expressa em diferentes formas sendo: a música, o teatro, a dança, o cinema, a poesia,

¹ Em Si ôntico: Critério-base de natureza inerente ao ser humano (Meneghetti, 2015).

e as artes visuais, com as suas diferentes técnicas (gravura, pintura, escultura, desenho, fotografia etc.), modos do ser humano expressar a si mesmo, de modo técnico.

Já que a máquina não tem a capacidade de produzir a verdadeira poesia, a verdadeira estética vital, cabe a nós seres humanos, deixarmos de ter medo de ser substituídos pela máquina (Salles, Evers, Farisco, 2020) e passarmos a assumir um outro papel no cotidiano, dedicar-se às tarefas criativas e artísticas, a fim de desenvolver a própria essência, a própria interioridade.

É comum esquecermos de fruir o belo, afinal, “estudamos sobre textos pré-constituídos por um monitor de deflexão² socializado pela ideologia do momento” (Meneghetti, 2022, p. 519), da repetição e da automatização não se faz arte e tão menos se chega ao belo, ou sem experiência na poesia da vida. Para chegar ao verdadeiro belo, é necessário, segundo Meneghetti (2022), refazer o caminho do íntimo, suspendendo nossas convicções, estereótipos e cultura, é preciso chegar ao ponto zero.

O belo é uma qualidade inerente da estética, e ambos “são a mesma coisa” (Meneghetti, 2022, p. 521), é proporção, é ordem, é coerência, “para colher o belo, o justo, a perfeição, é necessária a transparência ou simplicidade do ato de existir” (Meneghetti, 2022, p. 521), e ainda, “o fim intrínseco de qualquer percurso, de qualquer antes e depois, em sede de filosofia racional, é a perfeição em si daquela coisa ou daquele movimento, isto é, o ser é sempre volição ao belo” (Meneghetti, 2022, p. 521), por fim, entende-se que a arte está no estilo de vida coerente com o próprio íntimo, “no princípio de um amor capaz e verdadeiro, é preciso ter radicalidade na própria positividade: a excentricidade estética” (Meneghetti, 2022, p. 523).

Chegar a este ponto é a tarefa que precisa ser desenvolvida pela inteligência humana, afinal, a “maior parte da arte contemporânea – permanece individuada em uma manifestação de material ou energia removida, não egoizada, portanto não madura e de dimensões infantis” (Meneghetti, 2022, p. 525), e aqui fica a tarefa para os estudiosos da Psique, afinal há algo escondido em nível inconsciente; se a arte é tarefa para os críticos de arte, está no âmbito do “testemunho de uma civilização, de uma cultura, de uma psicologia, e então qualquer arte está bem” (Meneghetti, 2022, p. 526), mas se iremos nos remeter ao ser humano em ciclo psíquico, necessitamos de uma arte superior, de valor, de arte como poesia, a qual significa “fazer puro” (Meneghetti, 2022, p. 526) e assim se chega a OntoArte, a qual “identifica todas aquelas manifestações artísticas que se motivam sempre da intencionalidade ontológica humanista” (Meneghetti, 2022, p. 526).

Por fim, recorre-se que em tempos de inteligência artificial, de grandes tecnologias, é possível e necessário fazer um resgate à verdadeira poesia, à verdadeira capacidade de conhecer a si mesmo, a fazer arte a partir da sua essência e colocar em protagonismo o verdadeiro humano, aquele capaz de criar, de intuir, de formalizar a verdade intrínseca da vida, aquele homem que é “unidade de ação histórico-espiritual constituída por um projeto ôntico em acontecimento terrestre, com faculdades ou funções inteligentes, racionais, emocionais, biológicas” (Meneghetti, 2012, p. 128) o ser humano protagonista e responsável pela sua existência.

2. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, discutidas de forma breve e elementar as características da Inteligência Artificial é possível distingui-la da Inteligência humana, por mais que o tema requer atenção e gere preocupações por apresentar-se emergente, é necessário retomar à humanidade, o lugar que o ser humano precisa estar para construir a si mesmo, e não de executar tarefas que a máquina pode fazer. Ou seja, pode-se buscar o belo e viver a arte de ser a si mesmo.

REFERÊNCIAS

MENEGHETTI, Antonio. **Projeto homem**. 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2011.

² Monitor de deflexão: “engenho psicodélico deformador das projeções do real à imagem” (Meneghetti, 2012, p. 175).

MENEGHETTI, Antonio. **Dicionário de Ontopsicologia**. 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012.

MENEGHETTI, Antonio. **Manual de Ontopsicologia**. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2022.

SALLES, Arleen; EVERS, Kathinka; FARISCO, Michele. **Anthropomorphism** in AI. *AJOB Neuroscience*, p. 88-95, 2020.

TEIXEIRA, João. **O que é a inteligência artificial?** 3. ed. São Paulo: Editora Brasiliense. 2019.